MICROSCOPIO

Personalismo

11. V. Raul Pilla 57

SEMPRE merece a maior atenção o pensamento do presidente de uma prestigiosa entidade de classe, como é a Associação Comercial do Rio de Janeiro, principalmente quando tem a acentuada personalidade do sr. Rui Gomes de Almeida.

Mais do que direito, é dever manifestarem-se tais classes a respeito da situação geral do país, e não sòmente na esfera econômica e financeira, que é a dos seus interesses imediatos. E muito principalmente, quando se verifica uma crise grave.

Isto posto, cabe fazer alguns reparos ao discurso proferido pelo presidente da Associação Comercial, no banquete que lhe foi oferecido. Parece o orador tudo reduzir ao personalismo, certamente dominante na política brasileira. Faz, por isto, um caloroso apêlo à tolerância e à compreensão dos nossos homens públicos.

Ora, o nosso personalismo político decorre, antes de tudo, do sistema presidencial, que, desde o Município até a União, assenta o govêrno e a administração no poder pessoal e caráter inevitàvelmente pessoal imprime a tôdas as competições políticas. Mas, ainda em sistemas de govêrno mais adiantados, como o parlamentar, não se exclui, antes se apura o valor dos homens. Cada personalidade representa uma determinada concepção da vida pública.

É certo, porém, que, pela causa fundamental apontada, o personalismo se exagerou grandemente entre nós. Mas êste personalismo, tão justamente increpado, não é causa, como parece sugerir o sr. Rui Gomes de Almeida, mas efeito de um mal profundo.

Deixemos, porém, de lado a indagação, e consideremos o personalismo, tal como o temos. Poder-se-á englobar tudo na mesma condenação? Equiparar, por exemplo, o personalismo que se alimenta da corrupção e da opressão, com o personalismo que se enobrece com o combate a estas terríveis perversões da vida pública? Mais do que injusto, seria grandemente nocivo à causa nacional pôr tudo no mesmo saco, embora a pretexto de não se envolver em questões partidárias.

Outra observação. Diz o autorizado orador estar-se gerando «um clima de inquietação e de angústia, que sobrecarrega mais as classes produtoras e, de modo especial, os responsáveis pela situação militar». Trai-se aqui certa parcialidade, em quem pretende por-se acima das parcialidades. Quem são êstes responsáveis pela situação militar, postos no mesmo plano das classes produtoras? São os responsáveis pelos sucessivos golpes que se não criaram, agravaram consideràvelmente a profunda crise nacional. É indisfarçada, para com êles, a benevolência do orador. Não será isto, também, manifestação de personalismo?